



## ARTIGOS

### **“Se Acaso me Quiseres sou Dessas Mulheres que só Dizem sim”:**

**A Exploração E/Ou Liberdade Sexual Na Prostituição A Partir Da Análise Da Obra Cinematografica Bruna Surfistinha**

Maria Juliana Lira GREGÓRIO, *UNILEÃO*

Francisco Francinete Leite JUNIOR, *UNILEÃO*

---

Resumo: A prostituição apresenta-se, a partir dos estudos feministas, sob quatro abordagens, perfazendo a exposição da diversidade de posicionamentos, são elas: a abolicionista, a regulamentarista, a proibicionista e a trabalhista/laboral. Com isso, o objetivo desta pesquisa centra-se em discutir a prostituição como um trabalho gerador ou não de satisfação, levando-se em consideração a relação entre exploração/liberdade sexual a partir de leituras feministas e da obra cinematográfica Bruna Surfistinha. Por isso, esta pesquisa estuda autores como: Gabriela Leite (2014), Margareth Rago (2014) e Silvia Federici (2017). Tendo em vista os aspectos subjetivos dessas mulheres e sua influência no exercício laboral desta profissão. Sendo assim, metodologicamente, este estudo apresenta-se como bibliográfico, tal como a utilização de fragmentos da obra cinematográfica Bruna Surfistinha, com intuito de ilustrar, a partir de uma experiência da protagonista, materializando a experiência da prostituição. Para tanto, conclui-se que há possibilidades de existências das duas perspectivas, em momentos distintos na vida dessas mulheres, mas também foi perceptível, diante das pesquisas realizadas, a necessidade de personificação das experiências em estudos posteriores, priorizando o lugar de fala.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prostituição. Feminismo. Trabalho. Psicologia. Subjetividade.

---



## Introdução

Diante dos estudos históricos com relação as correntes feministas, é possível identificar uma preocupação social no que tange a sexualidade feminina, em decorrência da centralização da figura masculina, bem como do sistema patriarcal, este em que o homem é o responsável por ocupar os espaços de liderança. Assim, é colocado em uma posição de superioridade, por ser o responsável financeiro da família, enquanto a mulher é a cuidadora do lar e dos filhos. É a partir desse pensamento que a mulher pode vir ser vista como alguém que não ocupe um lugar relevante socialmente e, assim, causar uma invisibilização de muitos aspectos da sua vida, inclusive da sua sexualidade (FEDERICI, 2017).

Então, pode-se compreender que esse discurso facilitou a criação de estereótipos considerados mais adequados para a educação feminina. Defendia-se um modelo de mulher que não apresentasse desejos, fosse assexuada, mãe e esposa. Porém, também seria intolerável uma mulher que expõe sua sexualidade de forma a florada, que trabalha e se recusa a ser mãe, podendo ser julgada e desrespeitada. Este último modelo está diretamente relacionado com a imagem construída culturalmente das prostitutas, àquelas que se utilizam da sua sexualidade não por motivos de procriação. Dessa forma, fica compreendido que estas sofrem, até hoje, uma estigmatização e um preconceito de ordem histórica, principalmente por irem contra àquilo que era considerado moralmente como o correto. Por esse motivo, torna-se imprescindível abrir a discussão sobre a prostituição, tendo como base a importância de se deter aos estudos sobre o controle da sexualidade feminina por meio do regime patriarcal e, assim, propiciar questionamentos sobre esses discursos que são perpetuados pela cultura.

Por isso, ao surgirem muitas inquietações diante deste tema tão complexo, que foi possível pensar este estudo, cujo intuito é possibilitar uma compreensão da prostituição a partir de dois posicionamentos. O primeiro, a prostituição enquanto um comércio sexual que facilita o aumento da exploração dessas mulheres que podem estar propensas a situações de violência, como também é considerado como uma forma de manter o poder do homem sobre a mulher, visto que as utilizam como



objeto para suprir seus desejos sexuais. O segundo, está relacionado a entender a prostituição enquanto um trabalho, não compulsório, que necessita ser regulamentado e legalizado, sendo este uma forma de superação com relação a uma historicidade opressora a sexualidade e essas mulheres a executam de forma livre como forma de sobrevivência.

Com o intuito de ampliar o estudo, foi utilizado cenas do filme Bruna Surfistinha, este que foi dirigido por Marcus Baldini, lançado no ano de 2011 e conta a história verídica do percurso de Raquel enquanto prostituta. O enredo leva em consideração o momento em que ela decide seguir a prostituição, o seu dia a dia como prostituta, além de também enfatizar os pontos altos e baixos da profissão e, por fim, o momento em que decide parar. Desse modo, é possível observar esta obra como uma contribuição a uma visualização do debate proposto.

Portanto, é importante ressaltar que embora as questões que envolvam gênero, principalmente com relação ao feminismo, tenham se tornado mais populares nas discussões acadêmicas nos últimos anos, percebe-se que não são estimulados diálogos no âmbito universitário sobre a prostituição. À vista disso, é importante frisar que a Psicologia vem a contribuir com esse tema a partir da sua visão sobre a subjetividade dessa população marginalizada, e possibilitar que outros estudantes se apropriem e sintam-se mobilizados para tal. Por isso, discutiremos ao longo do trabalho a seguinte problemática: como a exploração e/ou liberdade sexual na prostituição é apresentada na obra cinematográfica Bruna Surfistinha?

Assim, tem-se como objetivo: discutir a prostituição como um trabalho gerador ou não de satisfação, levando-se em consideração a relação entre exploração/liberdade sexual a partir de leituras feministas e da obra cinematográfica Bruna Surfistinha; identificar fatores sociais que interferem na prostituição feminina; compreender a relação entre o controle da sexualidade feminina e a prostituição; perceber os aspectos subjetivos das mulheres que exercem este tipo de trabalho.



## Aspectos Metodológicos

A pesquisa que se segue será bibliográfica, de caráter qualitativo e de natureza exploratória. Sendo esta, segundo Gil (2008), um método que tem como finalidade proporcionar o desenvolvimento de ideias sobre um tema que não seja tão pesquisado por outros autores, permitindo ampliar as concepções acerca do mesmo e, desse modo, aproximar não só o pesquisador com o tema proposto, como também o leitor, visto que será utilizada uma revisão bibliográfica diversa. À vista disso, o intuito é conhecer mais acerca do tema da prostituição, abordar não só um posicionamento, mas os dois, de modo que o leitor possa compreendê-la enquanto liberdade sexual e enquanto exploração sexual e, então, consiga construir seus próprios posicionamentos.

Percebendo-se que um tema como a prostituição é de uma complexa discussão, a busca pelo material será com base em obras, cujos autores de algumas são: Gabriela Leite (2014), Maragareth Rago (2014) e Silvia Federici (2017), bem como alguns artigos e tese de mestrado, cujas palavras chaves estão voltadas para prostituição, feminismo, trabalho, psicologia e subjetividade. Algumas dessas informações serão encontradas na base de dados da Scielo, Pepsic e Google Acadêmico.

Além disso, a pesquisa utilizará de fragmentos do filme “Bruna Surfistinha”, como possibilidades de visualização para a compreensão dos fatos relacionados ao tema. Nesse sentido, Bauer e Gaskell (2015), afirmam que por estarmos a todo momento sendo influenciados pela mídia, as ferramentas como imagens, vídeos e sons podem servir como uma forma de ajudar na compreensão daquele objeto de estudo social, visto que esse tipo de material está diretamente ligado as questões importantes no que se refere a vida política, social e econômica.

Com relação a escolha do filme, pode-se afirmar que, inicialmente, o que instigou a utilizá-lo no estudo, foi a declaração do atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, na qual afirma que o dinheiro público não pode ser utilizado para produzir filmes como este, que vão contra os valores morais da família. Isso nos permite visualizar a censura e controle do corpo feminino, por parte de uma figura que representa o conservadorismo do sistema patriarcal que preza pelo apagamento da mulher.



Assim, o objetivo é proporcionar uma percepção acerca da realidade do universo da prostituição, visto que no filme é muito objetivo o contexto das vivências dos dois processos discutidos neste estudo, o desgaste de um corpo que é utilizado enquanto objeto de trabalho e prazer do homem, bem como a consciência de que o mesmo foi uma escolha a qual quis seguir. Por isso, houve uma seleção de seis cenas que expressam tanto os aspectos da exploração desse corpo feminino perante o homem, como também é possível identificar a prostituição como um trabalho de livre escolha, relacionando com o referencial teórico mencionado acima, permite uma articulação da teoria com a prática.

Por fim, na obra de Bauer e Gaskell (2015), é explicado que fazer uma pesquisa baseada não apenas em escritos, mas também em materiais visuais permite o acesso a ideias e percepções psicológicas diferentes, ou seja, é possível construir, desenvolver pensamentos e ideias, bem como relacionar teorias e textos às imagens que ali se apresentam, pois estas também podem falar da realidade social da sua pesquisa. Por isso, a utilização do filme “Bruna Surfistinha” como uma forma de subsidiar as discussões diante dos pensamentos acerca da prostituição, foi a metodologia disponível para abarcar resultados da realidade e da vivência das trabalhadoras sexuais.

## **Sexualidade Feminina e a Prostituição: Considerações Iniciais**

Antes de argumentar sobre a prostituição enquanto trabalho ou exploração, é necessário compreender historicamente como foi desenvolvida a ideia da sexualidade feminina, identificando a mudança ocorrida ao longo do tempo com relação a figura da mulher, bem como sobre a expressão da sua sexualidade e, conseqüentemente perceber quais foram os possíveis responsáveis pela reprodução de vários discursos violentos e que oprimem a mulher na atualidade.

Para isso, iniciaremos a discussão relatando a forma como a sexualidade era entendida no contexto da antiguidade, como por exemplo, na Grécia. O termo era referido a criação de vínculo entre um adulto e um jovem adolescente, com um intuito pedagógico, para que assim pudesse



ter a iniciação da sua vida enquanto cidadão, o que não estava relacionado a nada de cunho erótico. Porém, com relação a Roma antiga, essa concepção de sexualidade já começa a divergir e os discursos voltados para o aniquilamento da figura feminina também começam a aparecer, pois estes defendiam uma ideia de que a mulher era incompleta ao ser comparada com o homem, visto que a mesma possuía o órgão reprodutor não desenvolvido e, dessa forma, era considerada frágil e inferior. Portanto, esse comparativo permite com que a mulher comece a se submeter ao homem, a quem não possui falhas e, assim, por quem deve seguir e obedecer (GUIMARÃES, 2007).

Então, como uma forma de desenvolver ainda mais uma percepção da sexualidade feminina como algo que precisa ser impedida, controlada e proibida, o cristianismo se manifesta com o propósito de abolir toda e qualquer expressão de desejo sexual das mulheres, uma vez que foi identificado pelo clero como um comportamento perigoso, do mesmo modo que a conferia poder. É desse modo que a mulher começa a ser afastada do sacramento, o sexo começa a ser considerado como um ato vergonhoso e errado, desenvolvendo um estado de culpa pelos desejos, estes que eram considerados pecados da carne e que deveriam ser confessados ao padre (figura de homem sagrado e superior). Além disso, nesse período em que o cristianismo estava sendo o protagonista e o regime patriarcal tinha se instituído, era muito comum que a igreja produzisse não só através de forma oral, mas também de forma escrita e objetiva como a mulher deveria exercer sua sexualidade com seu parceiro, sem dar nenhuma possibilidade de liberdade de escolha (FEDERICI, 2017, p.80).

No que concerne à prostituição, também se apresenta momentos distintos entre a visão que se tinha em alguns períodos da antiguidade que distinguem da que se tem hoje. Isso pode ser observado em alguns registros como na mesopotâmia. Neste período, afirmavam a existência da categoria prostituta sagrada que estava associada a deusa Afrodite, sendo um dos seus rituais voltado para as mulheres que deveriam realizar o ato sexual com alguém desconhecido. Ao mesmo tempo que com o povo sírio, também em momentos ritualísticos e de forma compulsória, a mulher deveria realizar atos sexuais. Portanto, isso mostra o quanto a



concepção religiosa modificou àquilo que a mulher representa e, logo, o que a prostituta representa, pois nesse período havia a relação da mesma com a deusa da fertilidade, o que colocavam essas mulheres enquanto poderosas e em um patamar superior (OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2017).

A prostituição visualizada como sagrada e profana também ocorria na época romana. Sendo assim, a primeira classificação estava relacionada a momentos de ritos, cultos de cunho religioso, enquanto a segunda diz respeito a atividade que era realizada apenas pelas escravas, como também era uma forma de punição a mulheres que eram consideradas como adúlteras, sendo de escolha do seu marido. Nesse momento, a prostituição começa a transitar do período religioso para o comercial, pois começa a ser considerada como uma profissão, causando algumas mudanças e novas regras, uma delas estava relacionada a permanência nessa profissão para sempre, se caso fosse escolhida. Com isso, as mulheres que se colocavam a disposição tinham jornadas de trabalho intensas e exaustivas, não sendo respeitadas em nenhum momento por aqueles que se utilizavam dos seus serviços (GUIMARÃES, 2007).

Porém, o cristianismo surge e abomina a prostituição, entendendo que a igreja considera o sexo para a mulher com o intuito exclusivo para reprodução. Então, por ser uma atividade a qual geraria renda a partir de um ato que vai contra os princípios religiosos, isso fez com que disseminassem um discurso de desprezo para com essas mulheres. Ao mesmo tempo a igreja percebia que poderia ser utilizada também ao seu favor, ou seja, a prostituição poderia ser considerada como algo suportável se as mulheres da idade média, de classe mais elevada, mantivessem a sua pureza, enquanto os homens iriam satisfazer os seus desejos sexuais com as prostitutas (GUIMARÃES, 2007).

Por outro lado, na Europa, após a epidemia da Peste Negra e, conseqüentemente uma mudança no que se refere a trabalho e estilo de vida da população, já não se preocupava mais em ocupar postos de trabalho em decorrência de uma baixa expectativa de vida. Então, os empregadores aumentaram os salários dos proletariados, para que conseguissem conquistá-los e, além de tudo, acabam com o processo de



servidão, pois os trabalhadores se transformam em camponeses livres. Porém, foi nesse mesmo período em que houve a descriminalização do estupro, como também uma forma de conquistar a classe masculina proletária. No entanto, esse tipo de violência ocorria apenas com mulheres de baixa renda, que se afetavam tanto psicologicamente, como também socialmente, sendo a única possibilidade geradora de renda a ocupação enquanto prostituta. Além disso, o Estado encontrou outra forma de acabar com o protesto dos trabalhadores, que estavam desenvolvendo muitas tensões sociais, a partir da criação de prostíbulo financiados com dinheiro público, estes seriam considerados como uma forma de acalmar esse desejo de atrapalhar a ordem pública e, conseqüentemente atingiriam um período pacífico. Para a igreja, as prostitutas também eram consideradas uma solução para impedir a homossexualidade (FEDERICI, 2017).

No que concerne ao Brasil, no século XIX cria-se a imagem de mulher ideal, voltada para a vida privada do lar, responsável pelo cuidado do marido e dos filhos, puritana e assexuada. Com relação a educação, apenas as mulheres de classe alta poderiam ter um acesso à educação, porém o intuito eram educá-las para serem uma boa companhia para os maridos. Enquanto as mulheres de baixa renda trabalhariam em locais como fábricas, casas, lojas e sempre serviços voltados para situações de submissão aos homens (RAGO, 2014).

Com isso, a inserção da mulher na vida pública, no século XX, ocupa os maiores postos de trabalho nas fábricas. Por isso, inicia-se um discurso com o intuito de culpabilização por abandonar o lar e as responsabilidades que ali se apresentam. Nesse momento, a imagem de mulher que é propagada pelos homens é de um ser desvalorizado intelectualmente, pois não poderiam participar da vida política, além de frágeis, considerando-as como sendo pessoas que precisam ser comandadas para realizar as atividades de forma correta (RAGO, 2014).

Por isso, é importante pôr em discursão a dualidade entre a figura feminina e sua ocupação no espaço público e privado, uma vez que isso tem como intuito a não interrupção daquilo que é externo para o íntimo, promovendo um espaço em que muitas vezes limita a mulher. Para as feministas, quando ocorre essa separação entre esses dois âmbitos é o que





autoriza o processo de desigualdade de gênero na sociedade, pois se algo de cunho violento acontecer na particularidade daquele lar, aumenta os comportamentos de dominação. Sendo assim, a mulher não tem para onde recorrer e fica presa na opressão, sem ver possibilidades de saída, ou seja, com sua liberdade comprometida. Portanto, a interferência das pautas políticas da vida pública na privada, produz uma possibilidade de desmistificação daquela situação, fazendo com que a mulher perceba alternativas e conseqüentemente consiga enxergar possibilidades de saída (BIROLI, 2014).

Ainda sobre o período da modernidade, pode-se afirmar que a visão sobre a mulher estava baseada em algumas designações: a mulher de família; a mulher falada e as putas. A imagem da mulher correta que deveria ser seguida estava vinculada a uma santificação, no qual a virgindade era de extrema valorização. Por isso, elas precisavam ser acompanhadas nos lugares, como uma forma de controle, o acesso à educação era totalmente diferente dos homens, pois a intelectualização e a independência financeira não era o intuito, mas sim um bom partido para se casar. As putas eram aquelas que trabalhavam em locais ditos masculinos, como bares. Além disso, a literatura disponibilizada para as mulheres, nesse período, possuía o intuito de que elas aprendessem e internalizassem a imagem da mulher virgem, voltada para os afazeres domésticos, bem como o modo como deveriam se vestir e o comportamento submisso ao homem. Portanto, há uma infantilização a imagem da mulher ideal santificada, enquanto àquelas que fogem desse ideal e se comportam de forma semelhante aos homens, são ditas mulheres-demônio (VASCONCELOS; VASCONCELOS, 1998).

Sendo assim, é a partir desse estereotipo feminino desenvolvido que o controle sobre os corpos ocorre de maneira singela, o afastamento da mulher da vida pública permite o enclausuramento dela no íntimo da privacidade. Então, as proibições começam a ocorrer, sem que seja percebido com estranheza e, por isso, a mulher ocupa uma posição ao qual a única escolha é a do marido. Posto isto, trabalhar fora de casa e conseguir sua autonomia não se apresentava como uma prioridade, visto que o ambiente exterior ao do lar, protegido pelos princípios do homem, poderia ser um ambiente perigoso. Isso porque consideravam a mulher



um ser frágil que pudesse ser convertida para a promiscuidade, ou seja, a prostituição que se apresentava como algo ruim para a reputação das mulheres que seguiam os padrões normativos. Vê-las de maneira sexualizadas era uma expressão de pecado e algo que deveria ser impedido (RAGO, 2014).

Assim, a partir desse discurso e, relacionando com aspectos da contemporaneidade, que nos permite perceber o quanto a igreja possuiu e ainda possui um poder que foi desenvolvido ao longo do tempo, este voltado diretamente a uma figura masculina divina que deveria ser seguida, representada pelo padre. Essa compreensão de poder voltado para o homem enquanto ocupante de espaços importantes como nas igrejas, proprietários de fábricas e lojas, chefes de família, facilitou que a mulher fosse desvalorizada, submissa e controlada por apenas ser considerada como um adereço aos olhos do homem, que pode ser manipulado, violentado e invisibilizado (RODRIGUES, 2010).

Então, com o surgimento do feminismo, esses padrões, atualmente, estão sendo cada vez mais questionados e mais passíveis de mudança no que concerne a visão das próprias mulheres sobre si. Porém não se pode falar que as concepções acerca da sexualidade feminina estão totalmente diferentes, na verdade, o cristianismo ainda continua com o seu conservadorismo com relação a mulher, o que muda é o fato de estar tendo um maior contato com outras visões, teorias que prezam pelo seu empoderamento (RODRIGUES, 2010).

Com isso, foi possível compreender o quanto a questão da sexualidade feminina sofreu mudanças ao longo da história, migrou de aspectos religiosos que a mulher não era julgada por expressá-la, para um momento em que isto era considerado errado, um pecado que deveria ser combatido. A imagem da mulher é algo que se apresenta como fundamental, principalmente para agradar o homem e este tipo de discurso muito se apresenta na contemporaneidade, mulheres consideradas autônomas podem ser vistas como perigosas, pois a independência gera poder de escolha e autosuficiência.

Sendo assim, ao falar da prostituição, pode gerar na sociedade, principalmente a masculina, uma perturbação, pois ela une duas coisas



abomináveis na mulher, o aspecto trabalhista, a fuga da vida privada e o aspecto da sexualidade em evidência. Portanto, para entender mais sobre a prostituição, é necessário que seja explorado a influência das várias perspectivas do feminismo para dar continuidade as discussões e questionamentos sobre o tema.

## **“Eu Vou Tirar Você Desse Lugar”: Reflexões Acerca do Feminismo Sobre a Prostituição**

Meu destino até aqui foi norteado por esses três amores. E, como todos nós sabemos, o amor não traz só felicidade. Ele gera muita dor também, em nós mesmos e em quem está perto. Sei que, por causa dessa minha obsessão por romper amarras (sejam elas políticas, culturais, morais ou pedagógicas), feri algumas pessoas queridas. Mas acredito que também ajudei um sem-número de prostitutas a ter uma vida mais digna. Fui, sou e vou continuar sendo responsável pelos meus atos. O que pensar sobre eles é resultado do conceito de vida de cada um. Enquanto eu puder continuar exercendo minha liberdade, não tenho com o que me preocupar (LEITE, 2009, p.05).

Segundo Adriana Piscitelli (2012), o movimento feminista dos anos 70 e 80 não estava interessado em dar ênfase a discussão sobre a sexualidade e muito menos para a situação da prostituição feminina. O que despertava preocupação naquele momento, era o processo de anistia e a ditadura militar, porém isso não significava dizer a sua inexistência enquanto um interesse posterior. Nesse momento, a postura das feministas com relação a prostituição estava voltada para a exploração do corpo da mulher, sem permitir outras possibilidades de visões sobre esta temática. Apenas com o surgimento da Rede Nacional de Prostitutas, criado por Gabriela Leite, foi que desencadeou uma visibilidade maior para as prostitutas, que até então eram consideradas apenas como vítimas. Então, isso possibilitou que pudessem também serem visualizadas como mulheres que praticam a prostituição como uma escolha de trabalho e que por isso era necessário respeito e, conseqüentemente, a luta pela garantia de direitos.

Além disso, também foi a partir do movimento intitulado Marcha das Vadias que pautas como prostituição e sexualidade ficaram evidentes



entre as feministas, surgindo os diferentes posicionamentos com relação ao tema. A proposta que torna a marca desse movimento é a luta contra a culpabilização das violências sofridas, principalmente as de cunho sexual, em decorrência de uma estigmatização da mulher a partir das suas roupas, das suas atitudes e da quantidade de pessoas a qual se relaciona. Assim, pode-se perceber como algo que está totalmente relacionado com o controle do corpo e da sexualidade feminina. Por isso, todas as mulheres desse movimento se intitulam vadias, já que para uma sociedade machista ser vadia é ser uma mulher a qual expõe seu corpo e realiza os seus desejos de forma livre, ou seja, ser vadia é ser um homem comum (BARRETO; GROSSI; MAYORGA, 2017).

Então, se faz indispensável expor os 4 enfoques ou abordagens sobre a prostituição, estes que existem em decorrência das múltiplas formas de como a mulher prostituta é vista socialmente. O primeiro enfoque chama-se regulamentarista, sua principal característica está voltada a participação ativa do Estado, pois mesmo que seu intuito seja a regulamentação, este tem como objetivo o controle dessas mulheres como forma de impedir que a prostituição desenvolva algum mal à saúde e a moral da população. O segundo é identificado como Proibicionista, neste a prostituição é considerada como algo intolerável, dessa forma deve ser criminalizada e penalizada não só as prostitutas como também os seus clientes. A terceira abordagem é designada como Abolicionista, pois considera a prostituta como uma vítima do machismo e do sistema patriarcal, por isso não apoiam a regulamentação enquanto trabalho, pois seria uma forma legalizada de submissão da mulher a exploração do homem. O quarto e último enfoque é o Trabalhista/Laboral, considera a prostituta enquanto trabalhadora sexual e, por isso, é necessário que haja a sua garantia de direitos e melhores condições de trabalho a partir de sua regulamentação (PISCITELLI, 2013).

Tendo em vista essa notória divergência no debate feminista, inicia-se a discussão a partir da perspectiva Abolicionista. Faria, Moreno e Coelho (2013) afirmam que a prostituição para as mulheres não se caracteriza como uma opção, mas sim como um resultado de aspectos econômicos, falta de oportunidade no mercado de trabalho comum e uma necessidade pela fuga da miséria, como também pode ser visto como mais



uma consequência do sistema patriarcal sobre as mulheres. Este último nos permite pensar que a prostituição não é uma esfera de liberdade da mulher, pois ela também está presa ao controle do homem, visto que suas finanças, a forma como tem que servir e agradar aos seus clientes, muitas vezes está sendo comandado pelos cafetões. Sendo assim, para eles é considerado uma ilusão o pensamento concernente a uma autonomia dessas mulheres para com seu corpo enquanto prostitutas, pois sempre estariam à mercê de um outro e este sempre seria um homem. Por isso, essa abordagem defende não a exclusão dessas mulheres, mas uma luta constante para livrar-se do preconceito e dos processos de estigmatização que sofrem diariamente, porém esse posicionamento não permite que a prostituição tenha como possibilidade de liberdade de escolha.

Sendo assim, o enfoque abolicionista passou por modificações ao longo do tempo. Inicialmente voltava-se para a relação direta entre prostituição e o tráfico sexual de mulheres, causando uma vitimização e possuindo uma postura moralista de que seria uma atividade que afetaria a família. Já no abolicionismo contemporâneo havia uma tentativa de explicar o processo de iniciação das mulheres na prostituição, relacionando com as violências sofridas na infância, sejam elas sexuais ou físicas. Enquanto a última e a mais radical, relaciona diretamente com a exploração sexual, assim uma mulher se prostituir seria algo que violaria os direitos humanos, por isso o intuito é penalizar os clientes. Além disso, mudanças ao longo do tempo também existiram no grupo de feministas intitulada Marcha das Vadias, que antes foram as iniciantes no processo de protagonismo das prostitutas, hoje tendo influência dessa falta de consenso no debate feminista, utilizam como slogans “nem santas, nem putas”. Por isso, algumas possuem um posicionamento intermediário, pois mesmo entendendo que as trabalhadoras sexuais devem lutar para sua regulamentação, demonstram o conflito existente com o fato de não aceitarem a posição dessas mulheres como um objeto sexual. Por outro lado, feministas que apoiam as prostitutas, afirmam que elas podem ter voz, autonomia e consciência para identificar o que é melhor para si (PISCITELLI, 2012).

Em contrapartida a esse pensamento de vitimização, bem como de silenciamento das próprias prostitutas que o feminismo vem a propor, foi



desenvolvida a militância chamada putafeminista, essa que se caracteriza com o enfoque Trabalhista/Laboral. O intuito é dar voz a quem de fato tem lugar de fala sobre a situação e propor discussões como melhores condições de trabalho, respeito pelo lugar que ocupa e regulamentação da profissão. Sendo assim, Monique Prada, prostituta e militante da causa das trabalhadoras sexuais, relata em sua obra a importância de ter um movimento criado pelas próprias prostitutas, propagando a ideia de que elas não precisam ser salvas, mas sim ouvidas. Além disso, é discutido também a intensa pressão que é direcionada à essas mulheres para o empoderamento diante da sua situação trabalhista, porém, Monique afirma que todos os trabalhos exercidos pelas mulheres são permeados de exploração, desigualdades e violências, desse modo, não seria justo esse julgamento exacerbado no que concerne à prostituição (CLARINDO, 2020).

De acordo com isso que foi exposto, tem-se uma consideração de Gabriela Leite, em sua autobiografia, sobre o que almejava enquanto ativista e prostituta, bem como seu posicionamento com relação a vitimização dessas mulheres, algo comum no debate abolicionista:

O desafio era montar a nossa própria instituição, com o objetivo único de defender os direitos da prostituição, seu reconhecimento enquanto profissão, diminuir os riscos a que estão expostas as prostitutas e o que mais fosse crucial para o desenvolvimento da cidadania dessas mulheres. [...] o mundo não é feito de vítimas. Todo mundo negocia. Alguns negociam bem, outros mal. Mas cada um sabe, o mínimo que seja, quanto vale aquilo que quer. E sabe até onde vai para conseguir o que quer. Com a prostituta não é diferente (LEITE, 2009, p. 174-190).

De acordo com Miguel (2014, p.141), o posicionamento liberalista do feminismo contemporâneo leva em consideração que, a prostituição sendo exercida a partir de decisão da própria mulher, não causará malefícios a sua saúde psicológica, como também a posição social ao qual ocupa e conseqüentemente a outras oportunidades no mercado de trabalho. Seu pensamento com relação a legalização da prostituição, advém de um discurso de que se a mulher escolhe exercer essa atividade, não seria diferente dela ocupar outros postos de trabalho aceitáveis socialmente, porém com o respaldo da Lei estariam mais protegidas. Com relação ao feminismo que possui um posicionamento considerado



libertarismo ultraliberal, ou seja, dão mais importância a movimentação do mercado privado, apoia a descriminalização das trabalhadoras sexuais, isso consiste em algo perigoso, visto que não só as prostitutas seriam autorizadas a exercer o seu trabalho, como também os cafetões.

Sendo assim, a abordagem regulamentarista apresenta uma ideia de regulamentar de forma legislativa a prostituição, pois embora seja considerado um mal para a sociedade, se ele estiver sendo administrado pelas pessoas corretas ficaria mais facilmente de ser controlado. No entanto, a participação ativa do Estado, tem como objetivo a higienização e um maior controle dessa população, pois teriam que obedecer às regras pré-estabelecidas, seja com relação a uma forma de conter doenças sexualmente transmissíveis (com exames constantes), ou até mesmo com a localidade ideal para esse público, ou seja, mais afastado do restante da população. Portanto, percebe-se que essa ideia visa garantir a ordem e a moral da população, pois mesmo que a prostituição seja considerada como uma atividade laboral, ela ainda é simbolizada com um estigma negativo e passível de exclusão (GROSSI; MOYORGA; BARRETO, 2013).

Destaca-se também outra abordagem, o proibicionismo, este como já foi apresentado, tem como objetivo abolir a prostituição de todas as formas, não considera nenhum aspecto dessa atividade como positiva, além de defender a sua criminalização. Esse enfoque é um dos mais radicais, entende a prostituição como uma violência a mulher e relaciona com a indução ao tráfico de mulheres, então se fosse regulamentada, também estaria estimulando esse comércio. Com isso, defende que se a mulher é colocada na posição de prostituta, diretamente ligado a isso está a escravidão desse corpo, bem como a permissão da perpetuação da desigualdade de gênero, visto que o homem se beneficia sexualmente deste de forma violenta. E a partir disso, entende a atividade como um crime que deve ser combatido e, portanto, as mulheres que se colocam nessa situação também são consideradas como criminosas, ou seja, devem ser penalizadas, com o intuito de que desistam de continuar a praticá-lo e evitar que outras pessoas se sintam atraídas (PEDROSO, 2015).

Levando em consideração sobre a relação que alguns grupos de feministas fazem com a prostituição e o tráfico de mulheres, Fonseca (2016) afirma que quando denominam este grupo de mulheres como



vítimas de uma exploração, mesmo elas não se designando como tal, cria-se uma imagem de mulher infantilizada, não capaz de se responsabilizar por si. Isso permite que ainda mais sejam reforçados estereótipos de um ser passivo, no qual as decisões precisam ser tomadas por um outro. Além disso, concede uma continuidade a um pensamento a essa população, como mulheres sujas e moralmente erradas. Por isso, entende-se que por existirem as prostitutas que não se consideram como participantes do tráfico e que vivenciam a prostituição como um trabalho, ficam escondidas no estigma de vítimas. Assim, pautas importantes voltadas diretamente para a realidade das mesmas, que são a melhoria do ambiente de trabalho e garantia de direito tanto a saúde como trabalhista, são colocados cada vez mais de lado, tendo consequência mais violência e mais sofrimento.

Após essa apresentação sobre os vários posicionamentos do feminismo acerca da prostituição, foi possível perceber que há uma intensa preocupação concernente a considerá-la como uma atividade laboral ou não. Em função disso, vê-se a importância também de enfatizar a questão subjetiva dessas mulheres, por isso posteriormente será apresentado assuntos em volta do que é ser mulher e de como esse corpo é compreendido por elas. Com isso, será relacionado com o filme Bruna Surfistinha, permitindo uma visualização materializada do que está sendo exposto.

## **“Hoje Eu Não Vou Dar, Eu Vou Distribuir”: A Experiência Da Subjetividade Feminina Na Prostituição A Partir Da Análise De Cenas De Bruna Surfistinha**

Silva (2009) afirma que a subjetividade é compreendida comumente como algo que está no interior do sujeito, ou seja, aquilo que torna um ser único. A partir disso, também é necessário visualizar que essa particularidade só pode ser desenvolvida a partir da relação desse sujeito com o mundo, com suas experiências e vivências, isso forma e transforma o psiquismo. Sendo assim, a cultura possui um papel preponderante nesse processo, pois se a subjetividade é construída nessa





troca entre o interno para o externo e vice-versa, isso nos mostra que se uma sociedade apresentar em sua estrutura sócio-histórica e cultural questões machistas, homofóbicas, racistas etc., logo, isso pode afetar a forma como essa pessoa irá estruturar sua subjetividade. Consequentemente também poderá influenciar na forma como se enxerga, bem como enxerga o mundo e, então como se comporta.

À vista desse pensamento, fala-se sobre a chamada subjetividade social, esta que permite compreender o sujeito não como um ser passivo, ou seja, o seu modo de ser não é constituído apenas a partir de uma absorção das experiências exteriores, mas também é produtor de mudanças nesse meio, de forma também a possibilitar a sua constituição. Então, com base nisso, pode-se afirmar que a maneira como tanto o social, quanto o sujeito serão desenvolvidos, dependerá de como essa relação individual-social irá acontecer, ou seja, a partir do que será produzido por ambos. Portanto, a geração de sentidos subjetivos ocorre em decorrência da apreensão de experiências tanto do momento presente quanto de acontecimentos anteriores, assim influenciará a forma como vai se comportar em cada espaço (REY 2003, apud SILVA, 2013).

Ao passo que se fala sobre a forma como a relação com o outro e com o mundo moldam a subjetividade do sujeito, é preciso expor na especificidade da subjetividade feminina. Nesse sentido, é importante que se tenha uma atenção voltada para o fato de estarmos imersos em uma sociedade que historicamente veio de um sistema patriarcal e que, ainda hoje, reflete o machismo na educação, na mídia, ou seja, no dia a dia das mulheres. Com isso, foi aprendido direta e indiretamente como a mulher deveria se vestir, falar, se comportar e, além de tudo, como se perceber. Esse tipo de informação pode influenciar no modo como a mulher visualiza seu corpo, seja esteticamente ou até mesmo no significado e valor que ele pode ter para ela. Como também relacionada a sua sexualidade, a interrupção de um desejo (daquilo que se é na autenticidade) por um medo de decepcionar a ordem imposta. Por isso, é muito comum que as mulheres estejam preocupadas em um padrão que deve ser seguido, pois é isto que está em evidência seja em casa, na internet, na rua, na escola ou no trabalho (BORIS, 2007).



Entendendo que há uma associação entre aquilo que a mulher internaliza da sua cultura, da sociedade a qual está inserida, com a constituição do seu ser enquanto mulher, Guimarães (2007) vem a contribuir afirmando sobre a influência do histórico da subordinação da mulher para o homem e sua conseqüente criação da dualidade de discursos, sendo estes divididos entre o ideal de mulher a ser seguido, enquanto o outro a ser condenado. Com esse pensamento, o autor nos faz refletir sobre o fato do feminino sempre estar passível de um controle, construído socialmente e perpassado culturalmente. Nesse sentido, quando se fala da prostituição, ela se enquadra em um estereótipo que, por essa lógica machista, deve ser desrespeitada e, assim, cria um significante sujo, a qual deveria sentir vergonha, por isso há não só uma exclusão social, mas também subjetiva. Por esse motivo, reforçam o comportamento aceitável e ideal, como aquele a qual a mulher que não vivencia sua própria sexualidade.

Observa-se que a prostituta ocupa na sociedade uma posição de um ser sem valor algum, por isso o desprezo a esse público é o mais comum. A partir disso pode-se identificar que a problemática visualizada pelo outro que discorda dessa atividade, não é apenas a utilização do corpo e do sexo por dinheiro, mas sim para a desobediência de uma mulher que se estruturou em uma sociedade que carrega um peso histórico de controle e submissão ao patriarcado. Então, como forma de punição, destinam a elas um peso para carregarem no seu cotidiano, o peso do preconceito e dos inúmeros estigmas, como os de mulheres que não merecem respeito, como também não providas de inteligência, autonomia, sem virtude alguma. Desse modo, percebe-se a dificuldade da sociedade não só em visualizar a prostituição enquanto uma atividade laboral, mas também descartam a possibilidade dela como algo que possa gerar algum tipo de satisfação. Isso ocorre como um roubo da própria feminilidade, pois a mulher não pode exercer nada que fuja dos padrões morais estabelecidos culturalmente:

[...] o modelo da mundana construído pelo médico francês fortaleceu ao mesmo tempo o ideal da mulher honesta, mãe, dedicada e submissa, na medida em que se diferenciava do contratipo repelente da meretriz. Afinal, a dona de casa agarrou-se ao modelo de mulher casta tanto mais firmemente quanto ele se distinguiu do modelo da “mulher da vida”, símbolo da perdição e da monstruosidade. Um dos



traços mais característicos da mulher pública, na visão dos médicos, é a preguiça, a aversão ao trabalho e a perseguição desenfreada do prazer. A prostituta é aquela que, ao contrário da mulher honesta e pura, vive em função da satisfação de seus desejos libidinosos e devassos. Ela “tem um andar, um sorriso, um olhar, uma atitude que lhe são próprios; é preguiçosa, mentirosa, depravada, extremamente simpática ao álcool, despreocupada do futuro, e muitas vezes destituída de senso moral” (RAGO, 2014, p. 120).

Com isso, Esposito e Kahhale (2006) afirmam em seu estudo e, com entrevistas realizadas com as próprias prostitutas, os inúmeros sentidos que estas designaram para a sua atividade, se modificando de acordo com a vivência do momento em que iniciou, como também durante essa experiência. Assim, há relatos de abandono familiar e de problemas financeiros como desencadeadores do início da prostituição, sobre os desprazeres com relação a atividade realizada, clientes que a desagradam, entretanto os clientes que despertam prazeres e o seu desejo pelo retorno destes. Além disso, é notório a angústia no que se refere a falta de regulamentação, pois se sentem impotentes com a sua situação, principalmente, quando sofrem abusos e não tem a quem recorrer, porém existe o ponto positivo sobre não precisar cumprir um horário rígido. Por fim, relatam a existência e o incômodo gerado com a associação da prostituição com o HIV e, além de tudo, quando são infectados pelo vírus, há o abalo psicológico, pois se torna comum o intenso medo e a vergonha pela falta de amparo público e, muitas vezes, familiar e financeira.

Portanto, foi possível compreender o quanto a cultura e as percepções desenvolvidas socialmente são de extrema importância para a construção da subjetividade, como também a relação de troca entre o sujeito e o meio. Por isso, posteriormente será exposto a trajetória do filme *Bruna Surfistinha*, juntamente com cenas previamente selecionadas, de modo a permitir uma visualização das experiências que a protagonista vivencia na prostituição. Assim, pode-se observar sobre o que foi exposto nesse tópico, bem como outras temáticas voltadas para o exercício laboral da prostituição, como questões voltadas para a drogadição muito presente tanto no filme como na vida das prostitutas.



## **Bruna Surfistinha**

O filme estreou no ano de 2011 e foi produzido pelo diretor Marcus Baldine. Seu enredo volta-se para a história de Raquel Pacheco que ainda com 17 anos e devido a várias dificuldades que vem enfrentando tanto em casa, quanto na escola, decide se tornar Bruna Surfistinha, uma prostituta. Ainda muito inexperiente com relação ao sexo, a adolescente se apresenta de forma muito tímida para a cafetina que administra o local e esta, ao avaliar o seu corpo e a sua idade, identifica como uma pessoa que irá proporcionar muito lucro ao seu negócio.

Com o passar do tempo e dos clientes em que entra em contato, começa a ganhar experiência e confiança, se tornando de vez a Bruna Surfistinha, A prostituta. Sendo assim, outros conflitos começam a se mostrar evidentes, como por exemplo, lidar com as suas concorrentes e colegas de trabalho. Mesmo assim, ela consegue formar um laço de amizade com uma dessas meninas e, juntas, começam a construir a carreira de Bruna. Pensando em todas as mudanças que poderia fazer na sua vida profissional, a protagonista consegue identificar que seus clientes gostam de que seu desempenho seja avaliado, por isso, cria um blog ao qual registra o seu dia a dia enquanto prostituta. Um dos seus objetivos é realizar comentários sobre particularidades de cada programa, isso fez com que estimulasse uma competição entre os homens e, conseqüentemente mais público. Logo, a faz ganhar a fama não só no mundo da prostituição, mas a ser conhecidas por outras pessoas, alcançando muitos clientes, como também muito dinheiro.

Com isso, consegue alugar sua própria casa e construir seu próprio negócio, não precisando mais ser explorada por ninguém. Nesse período, conhece novas pessoas, de outra classe social e, além de se tornar cada vez mais ambiciosa também inicia o uso de cocaína. Em decorrência disso, Bruna Surfistinha se torna dependente e perde tudo o que conquistou, sendo obrigada a voltar para onde ela veio, cobrando programas a preços baixíssimos para conseguir sobreviver. Por fim, após um certo tempo, percebe o limite tanto do seu corpo físico, quanto do seu psicológico, por isso faz um planejamento e decide o fim da sua vida enquanto prostituta.

Após compreender, de forma geral, como foram desenvolvidas as etapas da sua vida enquanto prostituta, serão expostas, no próximo



tópico, seis cenas do filme a qual permite visualizar momentos distintos da sua vida. Estes que são essenciais para compreender os aspectos teóricos que já foram trazidos anteriormente. A Bruna quando iniciou o seu trabalho, o momento em que adquiriu experiência e, conseqüentemente passou por situações difíceis, o ponto alto da sua profissão e, por fim, o momento da sua interrupção.

## **Resultados e Discussões**

### **“Eu Não Chorei, Eu Não Pedi Pra Parar, A Raquel Que Eu Era Virou Passado”:**

Nessa cena, ainda no início do filme, é o momento que Raquel realiza o seu primeiro programa, sendo seu primeiro cliente um homem que já frequenta a casa há muito tempo. Aparentemente ela se apresenta no quarto de forma tímida, constrangida e expressando um medo, isso é identificado, pelo modo como sua expressão facial se mostra fechada e seu corpo rígido. Percebendo isso, ele tenta mostrá-la a forma como o trabalho deve ser feito, sem se preocupar com o que ela está sentindo, se tornando uma primeira experiência violenta e dolorosa. Porém, é naquele momento que Raquel não consegue mais se ver como uma adolescente dependente, passiva e reclusa, ela se tornara, através da dor, a Bruna.

Segundo Carvalho e Sousa (2018), após realizarem entrevistas com algumas prostitutas, pode-se aferir que com relação a violência, essas mulheres só conseguiam identificar um ato violento quando este estava relacionado às agressões físicas ou xingamentos. Isso acontece devido a construção histórica do que é ser mulher, de como deve exercer sua sexualidade e que, assim, permeia na forma como estas se comportam. Por esse motivo, a prostituta ao exercer sua função não consegue reconhecer as violências naquele ambiente, pois diante de toda sua história de vida aprendeu a aceitar muitas atitudes machistas e violentas, podendo ser repetido também no seu trabalho. Sendo assim, atribuem o ato violento como relacionado a profissão, introjetando valores morais com relação a sexualidade feminina, como também ao fato de não ser legalizado, e não pelo motivo de serem mulheres. Por isso, é muito comum que elas tentem distinguir o prazer do seu serviço laboral, como uma



forma de impedir a possibilidade emoções de sentimentos, prejudicando também na forma como se relacionam fora o ambiente de trabalho.

### **“Esse É Por Conta Da Casa”:**

Após passar por tantos homens, sem possuir um envolvimento físico prazeroso, apenas realizando de forma automática obrigações que lhe eram demandadas. Bruna atende um cliente diferente dos outros, não só fisicamente, mas também na maneira como a tratava na cama, com respeito, delicadeza e preocupando-se não apenas em sentir prazer, mas também em proporcioná-lo, algo que não estava acostumada. No final da cena, ela se mostra tão grata pelo que ele a fez sentir naquele momento e, por isso, não vê necessidade de cobrá-lo o programa, como forma de agradecimento.

Na pesquisa de Guimarães (2007), é exposto as duas vivências na relação de trabalho das prostitutas. Ele evidencia que é muito comum a tentativa de afastamento de si para conseguir lidar com as dores e as dificuldades do dia a dia na prostituição. No entanto, enfatiza que essas mulheres conseguem experienciar momentos de prazer, como também buscam por isso. Dessa forma, há relatos de prostitutas sobre conseguir estabelecer uma relação com seus clientes e possibilitar a vivência de momentos agradáveis, como por exemplo, conversas e desabafos; satisfação de fetiches; uma relação sexual que satisfaça seus desejos. Isso nos mostra exatamente o que Bruna Surfistinha passou enquanto prostitua, pois houve momentos sofríveis no seu percurso, como também momentos em que o prazer foi possível.

Diante disso, pode-se compreender que o trabalho é algo essencial e responsável por proporcionar mudanças tanto positivas quanto negativas para a vida de qualquer pessoa. A entrada no mercado de trabalho é valorizada desde muito cedo, isso porque há um consenso social de que a ocupação em um determinado cargo que gere produtividade e lucratividade, possibilita no sujeito a construção da sua personalidade, responsabilidade, além de competências e habilidades necessárias para a sua sobrevivência. No entanto, ele também se apresenta como uma ferramenta adocedora, já que ao mesmo tempo em que se entende que o indivíduo estará em uma posição respeitável se estiver empregado,



consequentemente produzirá uma cobrança no mesmo. Então, quando há dificuldades econômicas e o desemprego está em alta, isso abala psicologicamente essas pessoas, pois muitas vezes não consegue se perceber como um cidadão. Além disso, a falta de vagas permite com que muitos se coloquem em condições subalternas, de exploração, violência e ainda com estigmas que produzem prejuízos a saúde mental. Portanto, para que o trabalho seja considerado constitutivo do sujeito, favorável para o seu desenvolvimento precisa existir um sentido, isso não quer dizer que não haverá sofrimento, porém é o que determinará sua permanência (SILVA; SILVA; MAFRA, 2013).

Além disso, Silvia Federici (2017), fala em sua obra sobre as inúmeras dificuldades que as mulheres em vários períodos da vida sofreram/sofrem quando o assunto é trabalho. O controle dos corpos das mulheres pelo sistema patriarcal, desenvolveu a sua submissão perante o homem, configurando na mesma uma insegurança e uma obediência para aquilo que o era colocado para exercer. Então, a partir de todas as diferenças impostas entre homens e mulheres, pautadas no machismo, configurou o que chamamos de divisão sexual do trabalho. Nesse contexto, tem-se a mulher enquanto responsável por gerar filhos, educá-los e desenvolver atividades domésticas, estas que não eram consideradas como um trabalho. Com isso, homens se constituem fortalecendo o seu intelecto e sua carreira, sendo estimulados e apoiados por todos, inclusive suas esposas, que na verdade são cada vez mais desvalorizadas pelos seus maridos, independente do trabalho que realizem, mesmo se for o mesmo do homem, elas ainda são invisibilizadas. Além disso, a autora relata que em um determinado período da história e, em decorrência da impossibilidade de a mulher adentrar o mercado de trabalho, foi o momento em que se disponibilizaram para a prostituição. Assim, eram vistas com muito mais preconceito, porém estavam conseguindo o seu próprio dinheiro, embora fossem consideradas como as responsáveis por fazer o homem pecar.



### **“Eu Era A Mulher Perfeita, Estava Ali Pra Trepar, Ouvir E Não Reclamar De Nada”:**

Com o sucesso que Bruna Surfistinha estava fazendo no privê como prostituta, proporcionou a mesma muitos clientes, fama e, assim, muito dinheiro. Então, após uma discussão com a cafetina para qual trabalhava, decidiu fazer seu próprio nome de forma autônoma, sem precisar que alguém a explorasse, mas com ela levou sua amiga para ajudar a montar seu próprio negócio. Alugou um apartamento de luxo, em um bairro privilegiado, fez fotos sensuais como forma de se divulgar e conquistar ainda mais clientes. Para dar continuidade a um costume que tinha no privê, identificado como a escrita em seu antigo diário sobre o seu dia a dia enquanto prostituta, ela resolve criar um site, como mais uma estratégia para interagir com as outras pessoas e conseguir cada vez mais clientela, dinheiro e fama. Por isso, nessa cena, Bruna informa que ser garota de programa não é proporcionar apenas o sexo, mas possibilitar que os seus clientes possam fazer tudo o que quiser. Isso refere-se a serem ouvidos, outros para serem admirados, outros para realizarem seus fetiches etc. Dessa forma, ela se apresenta como alguém que está disposta a satisfazê-lo a qualquer maneira como uma estratégia de marketing para o seu próprio trabalho.

Ao falar da prostituição como uma atividade a ser exercida por alguém que utiliza de seu corpo como objeto de trabalho, logo levanta-se a hipótese de que isso é um possível resultado de uma dificuldade financeira e, dessa forma, conseguiriam dinheiro de uma forma mais rápida. Assim, ao observá-la como ocupante de um posto de trabalho, verifica-se a divisão entre a “puta’ (enquanto trabalhadora) e mulher (quando está fora das suas obrigações laborais). Isso acontece porque ao comparar a prostituição a outras áreas de atuação, a trabalhadora percebe a importância da separação entre sua subjetividade para com suas obrigações enquanto prestadora de um serviço. Logo, quando está exercendo a sua atividade, o prazer é algo dispensável, visto que ao se relacionar com seu cliente de forma íntima poderá desenvolver prejuízos, pelo motivo de estar agregando algo pessoal para o profissional. Então, os sentimentos dificultariam a permanência no trabalho e, para obter um bom desempenho e continuidade do mesmo, seria necessário um





afastamento de si. Por conseguinte, reforçar essa divisão consiste também em manter um discurso moral com relação ao comportamento feminino, como se houvesse uma forma correta de agir fora do ambiente considerado promíscuo (GUIMARÃES, 2009).

### **“Acabou Seu Tempo”:**

Após sua amiga e sócia, Gabi, desistir do trabalho, Bruna intensifica o uso da cocaína, torna-se dependente, isso a faz perder muito dinheiro e a aumentar o valor do programa, a consequência disso é o afastamento dos clientes, pois o preço é acima do valor que podem pagar. Em um dos programas que realiza, ela não consegue esconder o seu esgotamento, já não se mostra ser àquela que aceita tudo o que o cliente pede. Seu corpo se mostra cansado, seu humor sofre alterações por conta da droga e da situação que sua vida se apresenta e, além de tudo, se vê solitária. Tendo em vista toda essa situação, em um dos programas ao qual realiza ainda em sua casa de luxo, ela se apresenta com uma expressão de tristeza, cansaço e raiva, por isso, diz ao seu cliente que o tempo acabou, o mesmo a ignora e continua sem respeitar o limite de Bruna, isso a irrita, fazendo-a interromper abruptamente.

Com o passar do tempo, a Bruna Surfistinha consegue se afundar no seu próprio sucesso que passou rapidamente, não possui mais dinheiro para se manter e nem manter o vício. Dessa forma, os sintomas de abstinência da droga começam a aparecer e a sua saída é voltar para a periferia para ser uma prostituta comum, cobrando barato e sem seletividade.

Sabe-se que em lugares onde a prostituição não foi regulamentada, como no Brasil, tem como consequência a falta de proteção dessas mulheres que são propensas cotidianamente a violência em seu ambiente de trabalho. Levando em consideração a desigualdade de gênero, o homem que se coloca de forma superior a mulher e, assim, acredita ter o poder de fazer o que estiver com vontade, principalmente com uma população que além de carregar um preconceito, também é invisibilizada e desrespeitada. Por esse motivo, há riscos na ocupação desse trabalho, como por exemplo, ser assaltada na rua, no momento em que aguarda clientes chegarem, escutar insultos de quem está passando, como também



de clientes que se acham no direito de falar e fazer o que quiserem por estar pagando pelo serviço, além da violência física e pessoas que se recusam a pagar e as ameaçam. Portanto, percebe-se que a prostituta além de sofrer com o machismo no seu dia a dia de trabalho, também é afetada pelo estigma criado em torno dessa profissão que também está relacionada com o controle da mulher (MOREIRA; MONTEIRO, 2012).

Na pesquisa de Bonifácio e Tílio (2016), foi apontado outras variáveis de trabalho com relação a prostituição que vai além da rua e das boates, ou seja, a utilização da internet. Assim, como foi apresentado no filme de Bruna Surfistinha, há sites com fotos divulgando o corpo dessas mulheres e aquilo que estão dispostas a oferecer aos seus clientes, bem como a remuneração exigida e, além disso, programas que são realizados via webcam. Mesmo com esses diferentes ambientes ao qual a prostituição pode estar presente, há presença de riscos em todos eles. Sendo um deles, identificado pelos autores, como a utilização do álcool e outras drogas em excesso pelas trabalhadoras. Porém, a justificativa para tal ato advém como uma ferramenta para conseguir uma maior desinibição, seria uma forma de enfrentamento das dificuldades que essa atividade apresenta. Porém não se restringe a isso, mas também é uma maneira de conseguir mais lucratividade, visto que em alguns bares as trabalhadoras ganham comissão pela bebida que é comprada, isso estimula ainda mais seu uso.

### **Vintão:**

Essa é uma das últimas cenas do filme, nela é evidenciado a mudança na situação da vida de Bruna enquanto prostituta, ela volta a atender clientes em uma casa, tendo uma cafetina a frente dela que distribui as senhas de acesso. A fila enorme é uma característica que chama a atenção, porém algo se destaca ainda mais: o seu programa sendo vendido a 20 reais. É nesse momento que a protagonista tem uma das suas falas muito conhecidas “hoje eu não vou dar, vou distribuir”, desse modo recebe um cliente atrás do outro sem descanso e com muito uso de cocaína e álcool. Por isso seu corpo não aguenta, passa mal no quarto e é levada até o hospital. Ao acordar, se depara com o seu primeiro cliente, a qual mantém um afeto, que com uma expressão muito calma lhe transmite carinho e cuidado, enquanto ela expõe o seu cansaço. Dessa maneira, ele



aproveita a situação para mais uma vez tentar fazer com que Bruna abandone a vida de prostituta, porém esta deixa claro que saiu de casa para não ter que depender de ninguém e mais uma vez recusa seu pedido.

No que tange ao ambiente de trabalho das prostitutas, Piscitelli (2013) relata a partir da pesquisa que realizou na Espanha, as inúmeras divergências existentes seja relacionado a segurança, organização, bem como a dinâmica. Algumas preferem desempenhar o programa em clubs que apresentam uma proposta vantajosa, pois embora o dono se aproprie de uma porcentagem para si, não acreditam ser algo que vá causar algum dano aos seus lucros, além de faturarem também com o bar do estabelecimento. No entanto, outras reclamam que os aluguéis desses locais não são favoráveis e, por isso, trabalhar na rua se apresenta como um ambiente mais passível de se beneficiar, embora estejam mais propensas a sofrer violência do que em locais privados.

Esse argumento se deve pela maior autonomia diante do seu trabalho, pois fazem seus próprios horários, se organizam entre si, sem necessariamente estar devendo a alguém. Além disso, dependendo do local ao qual escolhesse para a atividade, divergia as facilidade e dificuldades com relação ao rendimento financeiro. Sendo assim, se dirigem a prostituição como exploração, quando há posse do seu próprio dinheiro, causando nelas uma desvalorização de sua atividade.

### **“Quando Eu Sair Dessa Vida, Eu Vou Sair Como Eu Entrei, Assumindo Que Foi Uma Escolha Que Eu Fiz”:**

Na última cena do filme é possível identificar um pouco da Bruna e da Raquel, a primeira quando afirma não se arrepender de sua trajetória, pois conheceu todo tipo de pessoa e isso não conseguiria de nenhuma outra forma que não como prostituta, pois a partir da sua experiência conheceu muita gente, passou por muita coisa e, se não fosse a prostituição, não passaria. Enquanto a segunda, é percebida na sua fala ainda como uma menina que sente falta de uma família que nunca teve, mas que pretende constituir. Com isso, decide parar sua atividade enquanto prostituta, estipula quantos programas ainda precisa fazer para conseguir o dinheiro necessário para o que planeja e, por fim, informa que



o modo como iniciou e interrompeu a prostituição, foi por sua própria escolha e se autoafirma enquanto Bruna.

Assim como no filme, Gabriela Leite (2009) em sua autobiografia relata em sua experiência, algo semelhante a história da Bruna, visto que também não tinha experiência com o sexo e nem condições financeiras favoráveis. No entanto, a diferença entre ambas se mostra na forma como as duas lidam com o trabalho, enquanto uma preza pela ambição e lucratividade do seu negócio, a outra possui planos voltados para a luta pela regulamentação da prostituição enquanto trabalho e se mostra disponível a mudar a visão do mundo sobre o serviço que exerce, se mostrando como uma ativista da causa. O seu desejo não era apenas ser famosa, nem mesmo apenas ganhar dinheiro com isso, mas permitir que a prostituição fosse considerada um trabalho, assim como qualquer outro, que fosse respeitado e que as mulheres pudessem exercê-lo sem medo de sofrer qualquer tipo de violência, só pelo motivo de expor a sua sexualidade. Dessa forma, não considerava a prostituta como uma vítima, assim como o abolicionismo defendia, embora reconhecesse o sofrimento passado por ela e por outras mulheres, mas exatamente por isso, lutou pela garantia de direitos e da visibilidade da sua profissão, sendo uma das suas conquistas a criação da Rede Brasileira de Prostitutas e a linha de roupas Daspu.

## Considerações Finais

Frente as discussões desenvolvidas neste estudo, identificou-se na sexualidade feminina como uma temática ao qual gera uma discussão no âmbito social. Entende-se tal prática como uma necessidade voltada para controle do corpo da mulher, pois este é visualizado pelo machismo como perigoso, principalmente no que se refere a uma mudança naquilo que a sociedade patriarcal constituiu como o correto a ser seguido. Foi a partir disso que se construiu aquilo que se entende sobre o ser mulher, ou seja, como deve se comportar, se vestir, qual trabalho deve ser exercido, havendo uma influência nos aspectos da subjetividade feminina. Por isso, a luta feminista surge para que haja uma interrupção nessa forma cristalizada da mulher e, assim, ocorra um constante questionamento desses padrões e, conseqüentemente, amplie as formas de ser, sem que



haja necessariamente uma fórmula pronta, mas para que se possa ser mutável.

Então, foi possível identificar através dos autores estudados, como o modelo de mulher que sempre foi valorizado pelo outro, principalmente pelo homem, defendem a existência de uma mulher pronta para servir, obedecer e aceitar o que lhe é proposto. Posto isso, quando se fala da prostituição, remete a uma ideia de mulher devassa, perigosa, impura que deve ser punida e marginalizada, pois foge de todos esses padrões. É a partir dessa visão que se percebe uma intolerância para com esse público, possibilitando a criação de estigmas e, desencadeando diversas violências.

Sendo assim, é através de todos esses conceitos sobre o feminino e sobre a prostituta que, tolerar uma mulher ao qual se utiliza da sua própria sexualidade como um meio de adquirir seus bens de consumo não é passível de aceitação, podendo ser considerado um ato de coragem e resistência o fato de se autoafirmar enquanto tal. Desse modo, cada abordagem da prostituição apresentada, contribuiu para informar a diversidade de considerações acerca do tema e, nos possibilitou perceber diante das bibliografias encontradas sobre o assunto, como o abolicionismo sendo o mais citado entre os autores. Isso nos faz refletir sobre a questão econômica ser muito evidente sobre a entrada das mulheres na prostituição, mas também na forma passiva como elas são observadas.

A partir de tudo o que foi compreendida sobre a relação da subjetividade feminina e a prostituição como uma atividade laboral, pode-se perceber a existência destes no filme apresentado na pesquisa. Isso porque em Bruna Surfistinha, a protagonista no início de tudo, expõe que embora tenha sido uma escolha, carrega em si um medo de enfrentar um trabalho que é desconhecido, que é doloroso, mas também é passível de benefícios, principalmente financeiros. Por isso, o seu comportamento inicial presentificado com muita timidez e um olhar assustado, é consequência daquilo que já tinha como conhecimento prévio não só da prostituição, como também o lugar social ao qual a mulher é colocada, o qual desenvolveu a partir da cultura.

Portanto, o intuito da pesquisa é de fato informar que há possibilidade da prostituta enquanto uma trabalhadora, no momento do



exercício da sua atividade laboral, passar por circunstâncias de exploração, como por exemplo, violências físicas, verbais, psicológicas ou morais, além de estar expostas a riscos de um ambiente muito propício a drogadição, entre outros. Porém, também há a existência da possibilidade de autonomia, ou seja, de escolhas durante esse meio que proporcionem satisfação, lucro ou até mesmo uma decisão própria entre escolher enquanto um trabalho como qualquer outro que proporciona conhecimento, prazer e sentido, como também passível de dificuldades.

No filme Bruna surfistinha, isso pôde ser observado quando a sua busca pela prostituição se deu pela necessidade de dinheiro rápido, como forma de adquirir independência, mas isso lhe custou períodos difíceis, dolorosos e sofríveis. Além disso, aprendeu, na prática, como poderia fazer a prostituição o seu próprio negócio, em que seria responsável por cada decisão e por cada ideia para melhorar a procura de clientes pelo seu serviço prestado. Por fim, conseguiu, principalmente, obter uma percepção dos limites físicos e psicológicos que esse trabalho lhe causava e encerrá-lo a partir de seu próprio planejamento e vontade.

Dessa forma, embora tenha sido possível visualizar essas duas perspectivas na obra analisada, ainda há uma necessidade em produzir pesquisas que estejam voltados para a fala das próprias prostitutas sobre a sua diversidade de vivências. É necessário não só propiciar o diálogo sobre a prostituição, mas priorizar o lugar de fala dessas mulheres, visto que para entender todos esses aspectos citados é importante que elas verbalizem sobre os acontecimentos e sentimentos cotidianos da sua profissão. Como foi possível observar, a prostituição não pode ser considerada apenas sob uma perspectiva, mas sim, através da trajetória de cada uma delas que será possível observar a multiplicidade de fatores, sejam eles satisfatórios ou dolorosos.

Então, conclui-se o quanto há uma necessidade em referenciar a obra autobiográfica de Gabriela Leite neste estudo, como uma forma de apresentar o lugar de fala das prostitutas. Tendo em vista que ela é uma mulher, que foi prostituta e que experienciou as suas dificuldades, violências, estigmas, bem como também explicitou os prazeres da sua profissão, os aprendizados adquiridos através da sua trajetória. Mas, além de tudo isso, ela também representa a luta pelo protagonismo da



prostituta enquanto cidadã e trabalhadora sexual, na qual preza pela garantia de direitos.

## Referências

BAUER, M.W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 13. ed. Perópolis, RJ: vozes, 2015.

BARRETO, Leticia Cardoso; MAYORGA, Claudia; GROSSI, Miriam Pillar. Pesquisando e intervindo na prostituição: reflexões sobre subjetividade, experiências e militância. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)*. Florianópolis, 2013. Disponível: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373318627\\_ARQUIVO\\_Pesquisandoeintervindonaprostituicao.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373318627_ARQUIVO_Pesquisandoeintervindonaprostituicao.pdf). Acesso em: 03/09/2019

BARRETO, Leticia Cardoso; MAYORGA, Claudia; GROSSI, Miriam Pillar. VADIAS, PUTAS E FEMINISTAS: diálogos em belo horizonte. *Psicologia & Sociedade*, [s.l.], v. 29, n. 0, p. 0-0, 28 ago. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29159528>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-71822017000100229&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-71822017000100229&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 10 ago. 2019.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade:: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n2/12.pdf>. Acesso em: 08 set. 2019.

CLARINDO, A. Não há “ciência normal” para nós: desafios de uma putafeminista. *Revista Ártemis*, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 235–247, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2020v30n1.51620. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/51620>. Acesso em: 29 jan. 2022.

ESPOSITO, Ana Paula Gomes; KAHHALE, Edna Maria Peters. Profissionais do sexo: sentidos produzidos no cotidiano de trabalho e



aspectos relacionados ao hiv. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, [s.l.], v. 19, n. 2, p. 329-339, 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722006000200020>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722006000200020](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200020). Acesso em: 10 set. 2019.

FARIA, N.; COELHO, S.; MORENO, T. Prostituição: uma abordagem feminista. *SOF: sempre viva organização feminista*. São Paulo, 2013. Disponível: [https://br.boell.org/sites/default/files/prostituicao\\_uma\\_abordagem\\_feminista.pdf](https://br.boell.org/sites/default/files/prostituicao_uma_abordagem_feminista.pdf). Acesso em: 05/09/2019.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017. 464 p.

FONSECA, Claudia. Feminismos e estudos feministas: com as trabalhadoras sexuais na mira. *Cadernos Pagu*, [s.l.], v. 16473, n. 47, jan. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201600470003>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n47/1809-4449-cpa-18094449201600470003.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2019.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Roberto Mendes. *Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas*. 2007. 284 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / Usp, Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: [https://www.ffclrp.usp.br/imagens\\_defesas/31\\_05\\_2010\\_\\_20\\_24\\_51\\_\\_43.pdf](https://www.ffclrp.usp.br/imagens_defesas/31_05_2010__20_24_51__43.pdf). Acesso em: 20 jun. 2019.

KEHL, Maria Rita. Sexualidade Recontextualizada. In: FERREIRA, S.L., NASCIMENTO, E. R (Org.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002. P. 11 – 22.

LEITE, Gabriela. *Filha, Mãe, avó e Puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 192 p.

MOREIRA, Isabel Cristina Cavalcante Carvalho; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades





e ambiguidades. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, [s.l.], v. 20, n. 5, p. 954-960, out. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-11692012000500018>. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n5/pt\\_18.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n5/pt_18.pdf). Acesso em: 01 out. 2019.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014. 164 p.

OLIVEIRA, Alexandra. Prostituição feminina, feminismos e diversidade de trajetórias. *Ex Aequo*, Vila França de Xira, v. 28, p. 18-30, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602013000200003](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602013000200003). Acesso em: 01 set. 2019.

OLIVEIRA, Thaís Zimovski; GUIMARÃES, Ludmila Vasconcelos; FERREIRA, Debora Pazzeto. Mulher, Prostituta e Prostituição: da história ao jardim do éden. *Teoria e Prática em Administração*, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 139-169, 29 jun. 2017. ANPAD. <http://dx.doi.org/10.21714/2238-104x2017v7i1-33214>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tpa/article/view/33214/17859>. Acesso em: 01 set. 2019

PEDROSO, Vanessa Alexsandra de Melo. Exercício ou exploração?: o eterno dilema da sexualidade na prostituição feminina. *Derecho y Cambio Social*, p. 02-14, jan. 2015. Disponível em: [https://www.derechocambiosocial.com/revista039/EXERCICIO\\_OU\\_EXPLORACAO.pdf](https://www.derechocambiosocial.com/revista039/EXERCICIO_OU_EXPLORACAO.pdf). Acesso em: 01 set. 2019.

PISCITELLI, Adriana. Feminismos e Prostituição no Brasil:: uma leitura a partir da antropologia feminista. *Cuadernos de Antropologia Social*, Argentina, v. 36, p. 11-31, dez. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1809/180926074002.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PISCITELLI, A. *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. 1. Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 272.

RAGO, M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 – 1930*. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 280.



RODRIGUES, Marlene Teixeira. Prostituição e feminismo: uma aproximação ao debate contemporâneo. *Fazendo Gênero: diásporas, diversidades e deslocamentos*, ago. 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1266610527\\_ARQUIVO\\_femismoeprostituicaofazendogenero.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1266610527_ARQUIVO_femismoeprostituicaofazendogenero.pdf). Acesso em: 05 out. 2019.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; MAFRA, Flávia Luciana Naves. A Luz "Vermelha" no Fim do Túnel:: sentidos subjetivos do trabalho na prostituição. *Iv Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*, Brasília, nov. 2013. Disponível em: <http://anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR168.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade:: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psic. da Ed.*, São Paulo, v. 28, p. 169-195, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

SILVA, K.; SILVA, I.; MAFRA, F. Trabalho, Gênero e Prostituição: Reflexões sobre as Dimensões Obscuras do Trabalho de Mulheres Prostitutas. *IV Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR191.pdf>> Acesso em: 20/09/2019.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; CARVALHO, Nila Menezes de. Violência contra mulher na prostituição. *Anais Eletrônicos do Vii Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade*, Rio Grande: Ed. da Furg, jun. 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/337.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

VASCONCELOS, Vânia Nara; VASCONCELOS; Tânia Mara. Evas e Marias em Serrolândia nos anos setenta. *In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ívia; MACÊDO, Márcia (org.). Metamorfoses: Gênero na perspectiva interdisciplinar. Coleção Bahianas, vol. 3, 1998. p. 247-252.*

## "In Case You Want Me, I'm One Of These Women Who Always Say Yes": The Exploitation And / Or Sexual Freedom In Prostitution From The Analysis Of The Cinematographic Work Bruna Surfistinha

**ABSTRACT:** The phenomenon of female prostitution is presented under four approaches: the abolitionist; the regulationist; the prohibitionist; and the laborite, demonstrating the diversity of positions from the perspective of the feminist studies. Considering the subjective aspects of these women and their influence on the practice of this occupation, the objective of this research focuses on discussing prostitution as a work that generates or not satisfaction, taking into account the relationship between sexual exploitation / freedom from feminist readings and the film work Bruna Surfistinha. This research studies authors such as: Gabriela Leite (2014), Margareth Rago (2014) e Silvia Federici (2017). Thus, methodologically, this study is presented as bibliographic, as the use of fragments of the cinematic work Bruna Surfistinha, in order to illustrate, from an experience of the protagonist, materializing the experience of prostitution. Therefore, it is concluded that there are possibilities of existence of both perspectives at different times in these women's lives, but it is also noticeable, in face of researches performed, the need to personify the experiences in later studies, prioritizing the place of speech.

**KEYWORDS:** Prostitution. Feminism. Work. Psychology. Subjectivity.

**Maria Juliana Lira GREGÓRIO**

*Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO*

*Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO. Pós Graduanda em Gênero e Sexualidade pela Faculdade Dom Alberto.*

*e-mail: juliana.lira2@hotmail.com*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5550-2484>*

**Francisco Francinete Leite JUNIOR**

*Universidade Católica do Pernambuco -UNICAP/ Centro Universitário Dr.*

*Leão Sampaio - UNILEÃO*

*Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica do Pernambuco ( UNICAP) Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Graduado em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio (FALS).*

*e-mail: professor.juniorlinhares@gmail.com*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8431-0513>*

*Recebido em: 26/06/2020*

*Aprovado em: 10/03/2022*